
Patrimônios no foco das lentes digitais

Regina Coeli Soares de Barros Magalhães

Doutoranda em Engenharia da Informação da Universidade Pontifícia de Salamanca - Madri

Professora do Curso Normal Superior do ISECENSA

Dr. Luis Joyanes Aguilar

Catedrático de Lenguajes y Sistemas Informáticos

Decano Facultad de Informática Universidad Pontifícia de Salamanca campus Madrid

Resumo

Expor, nos *fotologs*, patrimônios da cidade de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro, relacionando-os a outros bens culturais nacionais e/ou internacionais como novos paradigmas instrucionais *on line* foi a intenção ao elaborar este artigo. Os álbuns virtuais constituíram o foco pelo espírito problematizador, estímulo à percepção do tempo e espaço, visando à reconstrução do imaginário social baseados nos valores universais das tradições e crenças e um novo conhecer no ciberespaço. A pesquisa de campo, os questionários semi-abertos e as câmeras fotográficas foram utilizados para fortalecer a identidade pessoal e favorecer a convergência de idéias e soluções. (Ad)mirar o mundo driblando os engodos, valorizando os bens culturais inter-relacionados a pessoas e povos próximos ou distantes e expondo-os na internet reforça a fraternidade entre os indivíduos, a atitude crítica e interrogativa sobre a compreensão do mundo com tolerância, respeito e cooperação no ciberespaço. Os acervos culturais expostos, numa gigantesca praça virtual, difundindo e preservando os patrimônios locais para compreender as práticas das sociedades eruditas compuseram a segunda parte da investigação. Os *fotologs* incentivam os guardiões dos bens culturais e contribuem para a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana. Além disso, pode dar ênfase à análise das causas e conseqüências da violação patrimonial, o comprometimento com sua defesa, aptidão para organizar o conhecimento fomentando a concórdia e a manutenção da paz.

Correspondência:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro

28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ

Telefone: +55 (22) 2726.2727

Fax: +55 (22) 2726.2720

www.isecensa.edu.br

e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Palavras-chave:

Fotolog, Identidade, Patrimônios, Preservação

Patrimonies in the focus of digital lenses

Regina Coeli Soares de Barros Magalhães

Doctoring in Engineering of Information — Universidad Pontificia de Salamanca — UPSAM - Madrid

Master in social Communication — Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Teacher of Mediologicals Resources — ISECENSA, Campos dos Goytacazes, State of Rio de Janeiro

Luis Joyanes Aguillar

Dean - Universidad Pontificia de Salamanca — Madrid

Abstract

To display, in photologs, patrimonies of the city Campos dos Goytacazes, in the state of Rio de Janeiro, relating them to others national and/or international cultural properties as new instructive paradigms on line was the intention of the article. The virtual albums were used to abet the questioner spirit, to stimulate the perception of the time and space, aiming at to the imaginary reconstruction of the social one based in the universal values of the traditions and beliefs and a new knowledge of cyberspace. The photographic research of field and the half – opened questionnaires and machines had been to carry through the research fortifying the personal identity and favoring the convergence of ideas and solutions. To admire and to look the world dribbling the decoys, valuing the cultural properties interrelated the next or distant people and peoples and displaying them in the internet strengthen the fraternity between the individuals, the critical and interrogative attitude on the comprehension of the world with tolerance, respect and cooperation in cyberspace. The displayed cultural collections, in a gigantic virtual plaza, spreading out and preserving the local patrimonies to understand the practical ones of the erudite societies had composed the second part of the inquiry. The biggest focus of digital centers was the incentive to the position of cultural properties guardians, contributing for the formation of a humanistic and ethical conscience to belong to the species human being, as well as the analysis of the causes and consequences of its breaking and the compromise with its defense and aptitude to organize the knowledge fomenting the concord and the maintenance of the peace.

Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Phone number: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Keywords

Photolog, Identity, Patrimonies, Preservation

Nunca na história da humanidade houve transformações sociais tão radicais e mudanças importantes como a do advento das redes virtuais. Com as novas mídias e o resultado da multiplicação de redes computacionais em alta velocidade, desencadeou-se uma revolução expressiva nas comunicações. “Internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente.” (CASTELLS, 2003, p. 255) Por ser um meio de comunicação, de interação e de organização social, os territórios não conectados perdem competitividade econômica internacional, formam bolsões de pobreza e ficam impossibilitados de somarem-se ao novo modelo de desenvolvimento.

No decorrer do emergente século, serão os trabalhadores do conhecimento quem conferirá caráter, liderança e perfil social à emergente sociedade. Eles poderão não ser a classe *dominante*, mas deterão a liderança. A preocupação de JOYANES (1997, p. 257) é se a humanidade ficará informatizada ou a informática será humanizada. Neste debate, há duas leituras: uma que estima interação entre sociedade e tecnologia. “La outra, pessimista que considera que no se puede alcanzar nada bueno de este universo en que el mundo artificial expone al mundo real a um Apocalipsis.” No entanto, o que se prevê, com essas implicações e alterações sociais, é que a educação se tornará o centro da sociedade e a escola a instituição-chave redefinindo o que é uma pessoa instruída. Sabe-se também que serão necessárias combinações de competência e percepção e que “tecnologizar a comunicação ou humanizá-la é um dos maiores desafios do século XXI.” (WOLTON, 2003, p. 23) Os *fatologs* educativos podem ser um caminho eficaz para a humanizar a informática.

Em todas as dimensões e níveis de ensino, a educação deve ser focada ao aprender fazendo o que se tornou regra e não exceção (DRUCKER, 2002, p. 153) interferindo cada vez mais nas habilidades escolares. Quando o mestre dispara uma mensagem

fechada, não faz sentido, pois só toma significado sob a intervenção do(s) receptor(es). Para o autor, passamos de uma visão cartesiana do universo para uma visão estrutural, com ênfase no todo e nos padrões, o que desafia os campos de estudo e de pesquisa.

Quanto mais o conhecimento se tornar fundamental para a sociedade, maior será a diversidade, a flexibilidade e a competição. “Não haverá países ‘pobres’. Haverá somente países ignorantes” (DRUCKER, 2002, p. 48), aplicando o mesmo raciocínio às empresas, indústrias e qualquer outra organização ou até mesmo ao indivíduo. Precisamos de cidadãos que em seu próprio trabalho reúnam habilidades em várias disciplinas e as integrem em uma aplicação efetiva fora das instituições escolares. Este será o astro da universidade moderna: aquele trabalhador do conhecimento que conseguir converter o conhecimento em desempenho. Quanto mais pessoas estiverem expostas à gestão das informações e agregar sentido a elas, mais líderes intelectuais surgirão.

Historicamente, os homens de conhecimento não tiveram o poder nas mãos. Eram meros adornos pelo menos no Ocidente. O ditado: “A pena é mais poderosa do que a espada” (DRUCKER, 2002, p. 155) é destituído de verdade, pois foi o ópio dos intelectuais. O saber era um alívio para os aflitos e uma alegria para os ricos, mas não representava poder. Porém, agora o valor simbólico da cultura é ser oportunizador do progresso. Os cientistas, os homens do conhecimento, comandam, são ouvidos, elaboram políticas, estão no cargo de formação dos jovens e responsáveis pelo desempenho da educação.

A revolução tecnológica transforma magistralmente o aprendizado e o seu papel social. A escola se torna também instituição de alunos de todos os níveis e de todas as idades, inclusive de adultos de elevada competência de escolaridade e fomenta uma instrução universal de alta qualificação. “A maioria das escolas, ao longo dos tempos,

gastou horas intermináveis tentando ensinar o que era mais fácil aprender do que ensinar, ou seja, o que é aprendido e por meio de comportamentos, exercícios, repetição, *feedback*.”(DRUCKER, 2002, p. 160) As matérias, como redação, leitura, fatos históricos, ortografia, biologia e mesmo as mais avançadas, como neurocirurgia e grande parte da engenharia são melhor aprendidas por meio de programas de computador. O papel do professor, daqui para frente, será orientar, estimular e liderar todo esse percurso.

Já foi dito que a Internet aliena, leva à depressão ou, pelo contrário, é um mundo livre onde todos estão em comunidade. Há ainda os que consideram as auto-estradas tecnológicas com força de sedução, principalmente da imagem. Em meio ao turbilhão de transformações na comunicação, intensificou-se a “capacidade de gerar apelos sensuais e sensoriais, associados a fantasias que envolvem desejos de poder, posse, preponderância, energia, vitalidade, saúde, beleza e juventude eterna.” (SEVCENKO, 2004, p. 47) O mesmo autor relembra a atriz norte-americana, Bárbara Krugman que resumiu este estado de espírito definidor dos novos tempos com a máxima da filosofia ocidental num slogan: “Eu consumo, logo existo.”

Por esses motivos, as estratégias publicitárias são a força motriz de um mercado consumidor de mercadoria e serviços. As transformações tecnológicas e sociais, com mudanças históricas cada vez mais aceleradas, intensas e dramáticas, contribuem para que haja o controle tecnológico e perceba-se ainda que os cidadãos é que se adaptam ao ritmo acelerado das máquinas e não o contrário.

Se a internet tem grande força democratizante e se o número de usuários crescerá sem limites, ainda é uma projeção prematura. “Ela pode aumentar a disparidade entre os que têm e os que não têm.” (ALBRECHT, 2001, p. 99) O mesmo estudioso relembra o exemplo do “Surto das Tulipas da Holanda” da década de 1630 ou os princípios

da curva S. Por isso, afirma que nada deve ser elevado aos céus, pois essas ondas e euforias podem ter sentidos opostos.

A denúncia de Johnson (2001, p. 87) também é pertinente quando se percebe, diante desta nova sociedade, a crise da imaginação que é resultado “de termos informação demais nas pontas de nossos dedos e da tarefa quase impossível de contemplar uma rede colossal de computadores interconectados.” A interface contemporânea é como um antídoto para essa energia que se multiplica e que veio ao mundo sob o manto da eficiência, e está agora emergindo como uma crisálida.

É válido refletir também que muitas políticas de comunicação social nem sempre correspondem ao ideal de promover o espírito de paz e contribuição na construção de um mundo melhor. Compromete, por isso, a informação verídica sobre o que acontece no mundo, como administrá-la e a forma de aproveitar eficazmente os recursos informativos em relação aos direitos humanos. A desigualdade entre grupos comunitários está interligada a este fato, principalmente, à capacidade de as classes médias e altas serem marcadoras desse status através de objetos e de uma estética que só eles têm acesso, como a *glamourização* da internet.

Uma proposta para chegar a estas mobilizações está na observação, análise e defesa dos patrimônios expondo-os nos *foto logs*, álbuns digitais, ferramenta facilmente encontrada na internet. Estes museus virtuais podem chegar até os interessados apagando as fronteiras geográficas, eliminando as barreiras de tempo e facilitando a identidade com bens históricos locais e internacionais. A preservação dessas memórias pode ser realizada sem maior complexidade, ao postarem-se fotografias das manifestações culturais, tradicionais ou das criações coletivas, neste espaço virtual, que ainda oferece um reservado para explicação e interação do internauta.

“As pessoas precisam de raízes em um mundo transnacional; elas precisam de uma comunidade.” (DRUCKER, 2002, p. 113) Os produtos que as pessoas compram podem ter sido feitos em Tóquio ou nos Estados Unidos, pois se vive, em uma sociedade cada vez mais transnacional. Mas sente-se a importância do pertencimento a um determinado grupo de indivíduos e de se reconhecer em uma comunidade. Registrar a memória de bens prestigiosos, em um estúdio digital, com o auxílio de fotografias, pode também perpetuar os feitos das sociedades eruditas.

Com a chegada dos *foto logs* ou *flogs*, contrariam-se os que viam a *web* apenas como foco de proliferação de identidades simuladas. Difundiu-se a idéia de que na Internet, as pessoas não seriam elas mesmas e as máscaras, a tônica dos milhares de mentes. Os álbuns virtuais são uma nova forma de publicação de fotos *on line* que propõem uma exposição real dos autores. “Então há uma relação entre os *flogs* e a construção de uma comunidade orientada pelo olhar, pela fruição das imagens. É uma forma de compartilhar coletivamente seu ponto de vista sobre o mundo, assim como incluir nele sua estética.” (COSTA, 2003, p. 79) Dessa forma, há uma visão de mundo mais palpável do que um *chat* ou fórum de discussão *on line*, pois funcionam como clubes que se

freqüentam, mas não se sabe onde as pessoas moram.

Os *foto logs* parecem condomínios “onde cada um cuida de sua casa da melhor maneira possível, mas não deixa de receber visitas e de freqüentar a casa dos vizinhos.” (COSTA, 2003, p. 80) São assim, uma forma de investimento afetivo e imaginário. Vale lembrar uma rotina dos antigos romanos: era importante ver diariamente o *álbum*, tábua ou painel em branco onde se expunham ao público, leituras sobre anúncios, frases comemorativas ou atitudes das autoridades. Compreende-se também por álbum um livro de papel, plástico ou couro, por vezes, luxuosamente encadernado, próprio para colagem de fotografias ou CDs onde se expressa o valor simbólico da preservação.

Observa-se que agora “estamos entrando numa era na qual a expressão poderá ser mais participativa e viva.” (NEGROPONTE, 2000, p. 212) Nos *foto logs*, há ricos sinais sensoriais que diferem da contemplação de um quadro estático ou da página de um livro de fotografias de papel. Expõem-se imagens fotográficas com divulgação *on line*, em nível global, apenas com um toque nas teclas de um micro sem maiores conhecimentos de informática. É um *site* democrático e as visitas são abertas, pois a qualquer momento, sem pedir licença do autor, podem-se ainda compartilhar opiniões positiva ou negativamente diante da leitura das imagens expostas nas redes.

Os computadores pessoais desenvolvem-se agora mais à maneira da fotografia. A computação “está sendo canalizada diretamente para as mãos de indivíduos bastante criativos, em todos os níveis da sociedade, tornando-se um meio de expressão artística tanto no seu emprego quanto no seu desenvolvimento.” (NEGROPONTE, 2000, p. 82) Por isso, os meios e mensagens multimídias serão, daqui em diante, uma mescla de conquistas técnicas e artísticas, embora possa estar presente a espetaculosidade.

A partir do século XX, o gosto pela exposição midiática das celebridades vem se reproduzindo nos quatro cantos do planeta. Este aparente vínculo da indústria da intimidade permite ainda ao público ilusões de também vir a ser ungido pela fama. Vale citar que esta preocupação é antiga. No século XIV a. C., a crença de que haveria vida após a morte fez com que os faraós construíssem tumbas magníficas, como a de Tutancâmon enterrado com suas riquezas e pinturas que celebravam seus feitos. Com essas práticas, estendeu fama à posteridade. Dante Alighieri colocou a si próprio como protagonista da sua obra *Divina Comédia* e foi considerado pelo escritor americano, Ernest Hemingway, como o “egocêntrico de Florença.” (BOSGOV, 2000, p. 112)

Se a imagem recebeu ênfase, no passado bem remoto, hoje se transformou em mercadoria, motivo de produção, circulação e consumo. Confirma-se o axioma: cria-se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas criam-se também, sujeitos para a mercadoria. Este é o novo estatuto da imagem que pelo excesso domina os cidadãos. (NOVAES, 2004, p.10) É difícil ver sem reflexão. Em cada visível, há o invisível que é preciso desvendar.

Os *fotologs* podem auxiliar no processo de decifrar imagens e entender o mundo a partir delas com senso crítico fazendo uso das tradições vivas que são os patrimônios. “Nunca houve pintores melhores do que os homens pré-históricos que nos legaram as pinturas, nas cavernas da França e Espanha, ou as pinturas rupestres no Saara.” (DRUCKER, 2002, p. 158) Focar os bens históricos realizados pela humanidade, no decorrer de sua história, arquivando-os, em um museu virtual, o *fotolog*, pode trazer uma singularidade ao ambiente plural da internet: a interatividade, o misto de imagem e linguagem escrita que é a aplicação do conhecimento à ação.

Antes existia o trabalho: fabricavam-se instrumentos para atingir um desempenho,

para irrigar terras, plantar e colher. Agora estamos prestes a dar um passo importante: aplicar o conhecimento ao trabalho, uma idéia estimulante e que pode representar um potencial tão grande quanto o da descoberta da habilidade com o pau, fogo e ferro. Já se percebem, diante desses impactos intensos, mudanças extraordinárias e preocupação educacional, como nos Institutos Superiores de Ensino do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora — ISECENSA — Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil, onde foram feitas as pesquisas desse artigo.

A internet propõe um espaço de comunicação inclusivo, transparente e universal, que renova as condições da vida pública no sentido, não apenas de liberdade, mas de responsabilidade maior dos cidadãos. (LÉVY, 2003, p. 367) Os *fotologs* podem ser um ambiente de reconhecimento, valorização dos bens culturais, proporcionar interação e identificação ricas e amplas das manifestações artísticas e culturais da humanidade. Obviamente, instigantes questões serão colocadas em relação à prática tradicional, pois os percursos serão arquitetados pela bidirecionalidade podendo atingir ao ritual do encontro interativo das coletividades, globalizar o ensino e auxiliar no percurso do aprender a aprender.

O chuvisco de ovo

As fotografias postadas na internet podem ter diferentes graus de iconicidade, já que é mais fácil aprender o processo de interpretação com a acomodação dos olhos do que com um código arbitrário, como a língua natural. A imagem fotográfica produz como primeiro efeito a aquiescência do reconhecimento e na internet, o caráter dominante dessas imagens está na sua interatividade que produz imersão, pois suprime-se qualquer distância. (SANTAELLA; NÖTH,

2001, p. 175) Além disso, estabelece com o receptor uma relação quase orgânica, uma interface corpórea e mental imediata. Não sabe mais se é ele que olha a imagem ou a imagem para ele.

Postar fotografias nos *fatologs* (ou *flogs*) possibilita visibilidade para o afetivo, o imaginário e lazer, buscas que se tornam cada vez mais comuns entre os jovens internautas. “Há uma relação entre os *flogs* e a construção de uma comunidade orientada para o olhar, para usufruir das imagens. É como uma forma de compartilhar coletivamente um ponto de vista sobre o mundo e incluir sua estética,”(COSTA, 2003, p. 79), facilitando ao receptor o significado que levou o fotógrafo amador ou profissional a expor determinada imagem nas redes virtuais. A exposição dos bens históricos ou patrimoniais nos *fatologs* pode facilitar a construção de um estúdio em que se arquivam as passagens históricas da humanidade.

O chuveiro, por ser um doce popular nas festas da cidade de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, Brasil, motivou a investigação considerando-o um patrimônio de alta visibilidade regional. O intuito não foi apenas conhecer a história dessa iguaria, mas postá-la na internet, via *fatolog*, para que pessoas, mesmo distantes no tempo e no espaço, pudessem saborear o conteúdo pesquisado. A proposta *marioandradiana* (1936) foi de que se incluísse a culinária como bem imaterial e registro do “saber-fazer” nas comunidades, cujos conhecimentos se passam de gerações em gerações. Sabe-se que o termo “patrimônio” — em inglês, *heritage* — refere-se a algo que herdamos, com caráter único e depositário de uma memória e, por conseguinte, deve ser protegido.

Sem apoio em documentos eletrônicos e nos centros de pesquisas regionais, os levantamentos investigativos deveriam ser feitos pelo falar do povo. É preciso despertar as histórias, os relatos que dormem nas ruas, pois fomentar esta narratividade é inclusive,

uma tarefa de restauração. (CERTEAU; GIARD; MAIOL, 2000, p. 201) Na jornada exaustiva à casa das doceiras locais, pessoas humildes, em sua maioria, descobriu-se que cozinhar pode ser meditação, uma prática que exige paciência e entrega para dar o ponto no momento certo no preparo do alimento.

As “chuveiras” (não foi encontrado homem confeccionador) permanecem quatro horas, em média, na elaboração do chuveiro. “Com seu alto grau de ritualização e seu considerável investimento afetivo, as atividades culinárias são para grande parte das mulheres de todas as idades, um lugar de felicidade, de prazer e de invenção. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2000, p. 212) Com ferramentas rudimentares, fogão a gás e os condimentos (essencialmente, açúcar - 60%, ovos, farinha de trigo e creme de arroz), as doceiras permanecem grande parte de seu dia concentradas no ponto da calda, da massa e do cozimento.

Os gestos repetitivos são arquivos dos antepassados, receitas passadas de mães para filhas como um segredo a ser mantido de geração em geração, uma prática elementar, obstinada, repetida no tempo e no espaço. O trabalho à beira do fogão pode ter efeito terapêutico. No século passado, o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) já dizia: “Não pense, cozinhe.” Em silêncio e na prática sucessiva das tarefas, uma série de operações são executadas maquinalmente, seguindo um trabalho tradicional. São gestos e códigos executados no espaço solitário da vida doméstica. Faz-se assim, porque sempre se fez assim.

A atividade do trabalhador do forno e fogão expressa, inclusive, uma elementar ação cotidiana, por vezes, depreciada socialmente, embora exija memória de aprendizagem, gestos vistos e repetidos e o momento adequado de concluir a massa. “Na cozinha, sempre é preciso *calcular* o tempo que se tem, o dinheiro não ultrapassar o orçamento, não superestimar a própria velocidade

de de execução.” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2000, p. 270)

Depois do cozimento da massa deitada no líquido quente e recolhida com uma escumadeira, segue o repouso do chvisco, em uma segunda calda, para ativar o sabor. A arrumação é artesanal e um ritual à parte. Com a forma de gotas de chuva (aproximadamente três ou quatro centímetros), são agrupados um a um, arrumando-os com um visual de cacho de uva ou de abacaxi, complementando a decoração, com folhas de parreira, muito provavelmente, lembrando as duas cores da bandeira do Brasil: verde e amarelo.

A prosa na cozinha, acompanhada do cheiro do açúcar no fogo, ora em baixa temperatura ora mais alta, de acordo com a necessidade do ponto da calda facilitaram o saber e o sabor do chvisco. Aliás, estas duas palavras, são derivadas do mesmo radical latino: “sapere” (ter gosto). Entre o barulho de panelas lavadas e enxutas, colher roçando habilmente no líquido fervendo para cozer o chvisco e o cheiro de doce semi-pronto seguia-se a investigação que seria postada no *foliolog*: “O vaivém sacudido e rápido de bater as claras em neve, as mãos que fazem lentamente, em movimento simétrico, com uma espécie de ternura contida.”(CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2000, p. 21) Estes gestos repetitivos e cuidadosos das doceiras conterrâneas confeccionando a receita memorizada, com seus segredos, foram armazenados nos gravadores portáteis e máquinas fotográficas.

Nessas aulas de culinária, serviram-se chviscos prontos, ouvindo-se os segredos e histórias que só se passam ao pé de ouvido na cozinha perto da pia e da louça por lavar. Sabe-se que, em Portugal, as claras dos ovos eram usadas para engomar as roupas dos nobres e fazer pastéis. Com as sobras das gemas, as fazedoras de doces mesclavam açúcar e outros ingredientes na tentativa de aproveitar o que foi relegado pela corte. A receita chegou à cidade de Campos dos Goy-

tacazes pelos portugueses, lembrando que no Brasil-Colônia, Portugal influenciou sobremaneira as culturas em todo território nacional.

Neste falar-contar, soube-se também que durante a visita do imperador, Dom Pedro II, em 1847, quando chegou à planície goytacá, foram-lhe servidos os chviscos. Pediu-se aos moradores que adornassem e iluminassem suas casas todas as noites em que a realeza estivesse presente. “D. Pedro II só chegou a Campos em 24 de março de 1847. Era uma figura bonita, de estatura alta, símbolo romântico por sua personificação de jovem louro e belo numa terra de mestiços.” (RODRIGUES, 1988, p. 58)

Na época, essa iguaria não tinha o formato atual (como uma gota de chuva, com forte tom amarelo). Eram enrolados em folhas de cana-de-açúcar e oferecidos em bandejas de prata, em jantares requintados com baixelas luxuosíssimas dos barões ricos, ritual ainda hoje repetido nas celebrações, como festas de casamentos e batizados. De aparência majestosa, é fabricado em Campos há aproximadamente 145 anos. O custo médio é de 25 reais por cento de ovos, baixo, pois são aproximadamente quatro horas de trabalho para ficar totalmente pronto.

O plantio da cana-de-açúcar foi e é o maior cultivo agrícola da região o que determinou significativamente a culinária campista. Hervé Salgado Rodrigues (1988, p. 60) revela a observação de Muniz de Sousa: “O campista, com sua obsessão pela cana, não plantava mais nada.” Constava na justificativa dos plantadores que a cana-de-açúcar é a lavoura mais resistente às estiagens o que parecia uma desculpa, sabendo-se que os produtos hortigranjeiros não dependem de irrigação em escala. Provavelmente esta é a razão de os doces da cidade serem notáveis, em várias partes do país e um fator de desenvolvimento econômico. Associados à colonização árabe, Campos dos Goytacazes tornou-se um centro de fabricação de doces, como fios de ovos, goiabada e chvisco, este

último, mais famoso e mais difícil de fazer, segundo seus fabricantes. O mercado de exportação é algo que está nos planos de alguns empreendedores locais, apesar de requererem-se expressivos investimentos para uma expansão significativa. A grande parte dos consumidores são ainda os habitantes locais e o doce ainda não é visto como um patrimônio e uma atividade econômica regional.

A investigação foi exposta no *fatolog*: www.chuviscocampos2gigafoto.com.br na tentativa de que esse modo de fazer o chuvisco, antiga tradição da cidade de Campos dos Goytacazes, fosse perpetuado e valorizado, inclusive, o ofício das doceiras locais como trabalhadoras do conhecimento culinário. Há de se destacar que o doce não sofreu o processo de “congelamento” sempre presente na idéia de patrimônio. Não foi dado ao chuvisco um banho de bronze para guardá-lo intacto. No decorrer do tempo, foi sofisticado: recheado com nozes, coberto com chocolate, em calda ou cristalizado. “As formas de preparar alimentos modificam-se com o tempo” (OLIVEN, 2003, p. 77), mas de forma alguma deixaram de ser uma referência à identidade e produção simbólica da planície goytacá.

Depois de postadas as fotos, no espaço, em que os internautas podem interferir, no *fatolog*, foi exposto o histórico do chuvisco, possibilitando manifestações interativas e virtuais sobre o inventário. “O ensino deixa de ser função apenas das escolas para ser, cada vez mais, um empreendimento conjunto, no qual as escolas são parceiras e não as detentoras do monopólio.” (DRUCKER, 2002, p. 163)

Sócrates, referindo-se aos sofistas, estabeleceu que o conhecimento era bom, mas que empregá-lo à ação seria uma conduta errônea. O objetivo do conhecimento era o conhecimento e sua prova, a sabedoria. Hoje o objetivo das palavras é a prática, a prova do conhecimento. Logo, a posição socrática não é mais suficiente. (DRUCKER, 2002, p.

154) Demonstrou-se assim que a instituição escolar pode não ficar dissociada da realidade do mundo e da vida e produzir indivíduos capazes de criar, ser gestores de sua própria vida e preservadores de seus bens.

Cavaleiros da planície Goytacá

O resgate da cultura local sobre a Cavallhada de Santo Amaro baseado na fé e no fervor, a coleta das manifestações, o arquivamento e o registro, *via flog*, dos procedimentos dos detentores do “saber-fazer” foi a intenção dessa pesquisa. A tradição das memórias coletivas com o santo padroeiro acontece no dia 15 de janeiro, no distrito de Santo Amaro, em Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Os subsídios necessários estão basicamente no falar do povo da comunidade simples e humilde, pessoas sensíveis, piedosas e receptivas aos visitantes do povoado.

Os contatos, com palmas, batidas de porta em porta, com pessoas serenas e tranquilas que recebem e acomodam os visitantes no sofá da sala principal, dando boas-vindas são rituais ainda mantidos, apesar do exemplo da vida agitada das metrópoles exposto nas mídias eletrônicas. Os homens apagam o cigarro e tiram o chapéu de palha, em sinal de respeito, diante do que narram, enquanto as donas de casa servem café feito no bule e no coador de pano, mais saboroso, segundo elas. Narram detalhes das histórias antigas, como o fervor a Santo Amaro, tradição de fé que aprenderam praticando e ouvindo os antepassados.

Em 1648, o mosteiro de São Bento recebeu do donatário da Capitania, 40 braças de terra, onde se encontra hoje a sede do distrito de Santo Amaro. Segundo a lenda, a igreja foi construída pelo desejo do Santo, uma vez que sua imagem — que estava no mosteiro de São Bento, no distrito de Mussurepe, desaparecia com frequência,

sendo encontrada num morro onde foi erguida a igreja (1735-1790). Uma senhora de 104 anos, museu vivo da história local, mãe de 10 filhos, 30 netos, 19 bisnetos e um tataraneto que vive numa localidade próxima ao distrito de Santo Amaro, dispôs-se a falar sobre esse evento a que assiste há décadas.

Esses personagens para Certeau; Giard; Mayol (2000, p. 192): “Assumem o papel misterioso que as sociedades tradicionais atribuíam à velhice, que vem de regiões que ultrapassaram o saber. Eles são testemunhas de uma história que, ao contrário daquelas dos museus ou dos livros, já não têm mais linguagem.” Constituem um patrimônio real da memória e suas declarações deixam de ser pedagógicas e colonizadas por uma semântica. Festas ou relatos de palavras podem preservar os arquivos do passado criando uma dimensão fantástica de legitimidade. Freqüentadora assídua da celebração, apresentando lucidez, tranqüilidade, boa saúde e muita fé em Deus, conversou:

Não perdia uma festa. Com meus familiares, saía de Ciprião (região próxima a Santo Amaro) levando panelas com comidas, talheres, pratos, toalhas de mesa, em cima de uma carroça de boi rumo a Santo Amaro, onde passava o dia inteiro com meu esposo, já falecido. Parava a carroça embaixo de uma árvore e ali a família almoçava, ríamos e até dormíamos durante a festa.

Esses depoimentos são suportes, isto é, vínculos com o rito e com o sagrado numa sociedade que dessacraliza sentimentos que só sobrevivem graças à memória dos homens. “Quando morre um ancião numa comunidade tradicional, queima-se uma biblioteca inteira.”(ABREU; CHAGAS, 2003, p. 82) A UNESCO recomenda que devido à natureza efêmera e vulnerável do patrimônio imaterial é preciso agir, salvaguardar, revitalizar e difundir a construção das identidades

sensibilizando os jovens e despertando a opinião pública.

O momento de importância fundado na tradição do povo de Santo Amaro é o pagamento de promessas: percorrer na véspera da festa, 40 km na estrada que une Campos dos Goytacazes a esta localidade. A caminhada é feita geralmente a pé, alguns descalços segurando o terço nas mãos ou cantando em louvor ao santo para agradecer o milagre alcançado ou pedir bênçãos ao padroeiro. A peregrinação é comum a muitos rituais próximos e distantes do país. Evidente que é em muito maior escala, mas a romaria que se faz em Santiago de Compostela, na Espanha, também tem valor simbólico de fé, devoção e glória a Deus nas alturas.

No dia da comemoração, a missa é a maior solenidade para os fiéis e devotos. Seguem-se casamentos e batizados, nos quais muitos meninos recebem o nome de Amaro. O pagamento das promessas é feito através de doações de esmolas, velas, fotografias e quadros de milagres, todos conservados e protegidos dentro de uma sala especial do lado interno, da igreja. Durante a festa, não se vendem bebidas alcoólicas nem se permite o uso de palavras vulgares.

O momento esperado pelo público é a encenação da cavallhada de origem ibérica, um retorno à Idade Média. Em Santo Amaro, ocorre neste dia, a simulação das lutas entre os soldados de Carlos Magno, cristãos (os doze pares de França e os do sultão de Constantinopla, os mouros). São 24 os cavaleiros divididos em dois grupos, com cavalos ricamente adornados. Os cristãos usam vestimentas em tom azul e os mouros em vermelho. As manobras simulam as lutas medievais com lanças e golpes mortais. Os cristãos saem vitoriosos e se dirigem à casa do capitão de onde partem acompanhados por uma banda musical e admiradores.

O motivo do drama, encenado todos os anos, foi o romance de uma cristã com um mouro que provocou o desentendimento entre as famílias e os dois povos. O pai deci-

diu acatar a opinião da Igreja de impedir o casamento. Seguidamente, o mouro rouba a jovem entristecendo a comunidade que pediu interferência de seu rei, Carlos Magno. Como o pedido da devolução da jovem foi negado, ocorreu a disputa com uma batalha encadeada no pátio da igreja. Com os cristãos vitoriosos, a paz volta a reinar e os mouros são convertidos ao cristianismo e ocorre uma grande confraternização final.

O figurino dos cavaleiros é executado minuciosamente por uma costureira local que adorna inclusive os cavalos de vermelho ou azul conforme os cavaleiros. Ostentou fotografias e mostrou vestimentas guardadas em casa como tesouros. A França tem uma longa tradição nesse ofício. O mestre-alfaiate e costureiro de costumes, Jacques Beaujouin, entende a sua arte centrada no embelezamento e na distinção na confecção de costumes de época. “Sua habilidade (*tour de main*) permite-lhe, quando ele trabalha para o teatro, visualizar o movimento cênico e adaptar sua vestimenta à amplitude do gesto, antecipando assim o jogo do autor.” (ABREU; CHAGAS, 2003, p. 89)

O registro de um bem imaterial é um inventário de histórias prestigiosas que significa o reconhecimento importante para os agentes envolvidos. Em 4 de agosto de 2000, o Decreto 3.551 instituiu o Registro de Patrimônios de Natureza Intangível no Brasil. Essa peça de legislação determina que o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial” seja construído em quatro livros: “I – *Livro de registro de saberes*; II - *Livro de Registro de Celebrações*; III – *Livro de registro de formas e expressões*; IV – *Livro de registro de lugares*.” (OLIVEN, 2003, p. 78)

Esta preocupação advém de experiências em regiões orientais principalmente do Japão. Nesses países, a concepção de preservação e de construção do patrimônio cultural é diferente, em técnicas, formas de organização, procedimentos e técnicas. O governo japonês concede um reconheci-

to particular aos detentores de “saber-fazer.” O que importa é o coletivo e não pessoas consideradas individualmente. A Coreia, as Filipinas e a Tailândia concedem honras e privilégios à valorização de tradições locais e sua transmissão a gerações seguintes.

Reavivar a memória é uma colaboração dos ambientes virtuais, pois os seus infinitos arquivos possibilitam a exposição de documentos, imagens, fotografias, explicações e interatividade, fundamentais à sociedade do conhecimento. Converter o conhecimento especializado em ação é criar cidadania.

O fechamento da pesquisa sobre a memória coletiva de Santo Amaro foi feito pelo pároco da igreja. Depois de ter conhecimento da exposição virtual, na missa de domingo, no dia 17 de abril de 2005, às 10 horas, explicou aos fiéis e devotos, sobre o registro na internet, que, em sua opinião, expôs, em nível global, a história do padroeiro. Comentou sobre a valorização da localidade, região tão pequena diante da imensidão do território brasileiro e do planeta. O fato de a universidade mobilizar suas energias de conhecimento para aplicação e resultados na comunidade pode ser um estímulo para restaurar o ensino de acordo com as principais áreas de aplicação e não à lógica das disciplinas. (DRUCKER, 2002, p. 149)

Os fiéis visitaram o fotolog, no computador da igreja no endereço www.cavalhadadesantoamaro.gigafoto.com.br e os habitantes de Santo Amaro, além da emoção, aprenderam sobre a festa da qual participaram e a grande maioria não conhecia a verdadeira história que vem tendo cada vez menos representantes desejosos de participar da encenação da cavalhada, segundo depoimentos. Num mundo globalizado, em vertiginoso processo de mudança, os saberes próprios de cada cultura, modos de fazer que atravessam séculos, correm o risco de desaparecimento.

As novas tecnologias digitais podem mudar as maneiras como vemos a nós mes-

mos e como nos relacionamos com o mundo que nos rodeia. A comunicação já foi feita também para contar histórias refletindo os valores pessoais e comunitários. Somente há 500 anos, o papel do contador de história passou a ser reproduzido pela máquina: o livro impresso. “Agora, estamos na era de comunicações por imagem — primeiro a fotografia, depois o cinema e a televisão, e agora a computação multimídia. Esses recursos fornecem mensagens poderosas a públicos enormemente aumentados.” (DIZARD, 2000, p. 275)

Muito do que a mídia produz hoje reflete mais as tendências narcisistas e escapistas do que informação e definição dos problemas. As pessoas, em geral, não sabem o que fazer com a informação, pois não têm um princípio de organização. Uma função informático-midiática precisa ser assumida pelo conjunto de atores políticos e sociais como uma dimensão de suas existências e de suas ações. Assim, “A esfera pública, muito mais ampla que a atual, será constituída pelo entrelaçamento fractal das automídias e das comunidades virtuais.” (LÉVY, 2003, p. 371) O internauta poderá virtualmente chamar para a tela, os diferentes tipos de portavozes, representantes comunitários, histórias de bens culturais, inclusive, examinar registros e arquivamentos patrimoniais. Então é preciso educar as grandes massas. Necessita-se de educar para conseguir a grande quantidade de trabalhadores competentes, para a força do trabalho qualificado e acima de tudo, para encontrar e estimular o maior número de mestres para o futuro.

Esse novo ambiente virtual, para LÉVY (2003, p. 375) tem três características essenciais referentes às novas formas de governança: inclusão, transparência e universalidade. Ele permite a expressão pública a todos os indivíduos, grupos, instituições, as comunidades (inclusive as virtuais) não existentes anteriormente. O ciberespaço focaliza e retrata a expressão pública de serviços

comunitários, restaura elos da comunidade e o sentido de uma cidadania atuante.

Don Quijote de la Mancha na cidade de Campos dos Goytacazes

Apesar de cada um ter uma vida local, o modo individual de interpretar os fatos, no planeta, tem sido influenciado por processos de contextos variados. As culturas e identidades nacionais são, muitas vezes, preteridas pelas culturas híbridas das empresas de comunicação multinacionais. Surge um novo padrão de sociabilidade em que a internet é a protagonista e paralelamente a isso, percebe-se a dificuldade de organização de uma pedagogia de sucesso.

A rede eletrônica é um indicador de desigualdades intelectuais com graves conseqüências. Para acessar as páginas virtuais, não é necessário apenas ler, comparar, registrar, encontrar informações, mas dispor de saberes necessários para julgar sua confiabilidade, pertinência e saber fazer bom uso dela. Além disso, informação é poder ou multiplicador de poderes. Merece ainda reflexão o fato de que a inovação traz efeitos imprevisíveis, como “A avalanche crescente de mensagens de mídia e de outras informações que nos empurram para o limite da capacidade humana de lidar com elas.” (DIZARD, 2000, p. 273) A solução pode estar, em uma nova abordagem diante dos serviços eletrônicos de comunicação de massa, com a finalidade de que as informações contribuam para a preparação de indivíduos participantes e compromissados com atitudes cidadãs.

Uma Aventura Quixotesca na Cidade de Campos dos Goytacazes foi uma tentativa de desenvolver competências responsáveis e enfrentar a complexidade planetária, como tomar decisões, capacidade de contextualização e de trabalho em grupo. A leitura do livro *O menino e o palacete*, (Rio de Janeiro: São José, 1968), escrito na década de

cinquenta e lançado em 1954, pelo escritor campista, Thiers Martins Moreira, foi o ponto de partida. O conterrâneo narra a história de um Palacete que pertencia ao Barão de Pirapitinga, arrendado aos pais do menino e localizado na parte central da cidade de Campos dos Goytacazes. Esta rua “foi projetada em 1859 e entregue ao trânsito em 1873; como as duas precedentes, foi traçada por terrenos doados pelo Barão da Lagoa Dourada e por isso foi que o Barão de Itaoca propôs a sua designação bem justa.” (SOU-SA, 1935, p. 136-7)

Os pais do Menino, lavradores locais, alugaram o Palacete para transformá-lo em um lugar de servir comida aos que passavam pela cidade e os dormitórios serviam de hotel. O escritor campista narra, em sua fase adulta, que quando se mudou, sensibilizou-se com os detalhes do Palacete e fantasiava acontecimentos que ninguém via. Destacou, por exemplo, uma árvore frutífera comum na planície goytacá, a mangueira, que quando ventava, transformava-se em sombras horripilantes passeando e andando dentro de casa. Visualisava, andando pelo Palacete, fantasmas e imagens que pensava ser do barão, antigo habitante do palácio.

Na p. 55 do livro, faz referência a um personagem da literatura espanhola: “como a Dom Quixote, a realidade não conseguirá apagar as formas já vividas na imaginação.” Apesar de os personagens viverem, em diferentes situações, Dom Quixote, obra de Miguel de Cervantes (1547-1616) ilustrou sua história com imagens irrealis: a armadura era sua espada, o gordo Sancho Panza era um criado que lhe acompanhava como cavaleiro, dentro da carroça havia uma donzela, o homem que montava no burro era o barbeiro com uma vasilha na cabeça. Dom Quixote pregava a justiça, amava Dulcinéa e imaginou um companheiro, o cavalo, Roncinante, que não passava de um pangaré.

Os sites virtuais foram ferramentas elucidadoras sobre a obra universal, Dom Quixote de la Mancha e imprescindível na

composição do paralelo sobre as fantasias do autor de *O menino e o palacete*, do campista, Thiers Martins Moreira. Entendeu-se que na história de Cervantes, Dom Quixote percebeu que suas aventuras foram imaginações. Em relação ao menino e o Palacete, quando Thiers retorna à cidade, já adulto, vê que seu palácio não era tão grande e estava, em boa parte, transformado em comércio a sua fachada principal.

As paredes foram divididas ao meio para transformar em mais dormitórios para os hóspedes. A mangueira foi cortada e não havia mais a dependência onde era a prisão dos escravos do antigo Barão de Pirapitinga. O lustre de cristal que tocava amedrontando O Menino, nos dias de vento sul, foi substituído por um ventilador. O quarto onde se produzia luz a gás não foi resguardado e estava em processo de deteriorização, assim como a arquitetura. “A noção de patrimônio traz em seu bojo a idéia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna.” (ABREU, 2003, p. 30) e os bens materiais estão associados ao sentimento nacional. Estas valorizações históricas tiveram início com o sentimento de perda na era pós-revolução Francesa com a destruição e o vandalismo fomentando o fervor patriótico.

“Valorizar o bem e desejar evitar o perigo de destruição constituem gestos básicos da coreografia preservacionista que, a rigor, traduz um esforço e um anelo de prolongamento da vida social cultural.” (CHAGAS, 2003, p. 106) É importante observar que articular o passado de um bem material não significa conhecê-lo como realmente foi. Mas implica usá-lo como referência de memória ou como recurso de educação por determinadas coletividades. Mário de Andrade teceu considerações preservacionistas às marcas dos narradores, às relações com o patrimônio material e espiritual brasileiro. As memórias coletivas proporcionam uma coerência interna e satisfazem uma necessidade de sentido entre os que dela participam.

É ainda importante lembrar que Dom Quixote e o autor campista saíram da realidade, com problemas e imaginavam um mundo com belezas só vistas por eles. No final dessas histórias, Dom Quixote volta à razão, renuncia aos romances de cavalaria, entende que foi tudo uma loucura e morre como um piedoso cristão. Já Thiers Martins Moreira volta à cidade e decepiona-se com o descaso patrimonial.

Este trabalho está esposto no *fotolog* www.hotelamazonas.gigafoto.com.br considerando-o um local onde também podem-se guardar memórias, praticar o “aprender a aprender” e ser guardião da comunidade. Entendeu-se que: “quando a imagem artesanal é feita para a contemplação, a fotografia se presta à observação.” (SANTAELLA; NÖTH, 2001, p. 174) A parte disso, produz ao receptor como primeiro efeito a aquiescência do reconhecimento, pois memória e identificação são um binômio de recepção no paradigma fotográfico, assim como a denúncia.

Do ponto de vista da construção simbólica, a multiplicidade de ângulos dessa pesquisa foi como se movesse um caleidoscópio com imagens múltiplas e interdisciplinares: presente/passado, literatura, arquitetura, história local, flexibilidade para relacionar situações, capacidade comunicativa, de trabalho em equipe, uso das lentes digitais, ferramentas eletrônicas e competências tecnológicas básicas.

O desenvolvimento de habilidades, em múltiplas dimensões, faz-se necessário, pois não se sabe quando o indivíduo terá que usar em seu percurso profissional. (INFANTE, 2003, p. 116) Cada um precisa desenvolver competências que lhe permitam continuar construindo novos e múltiplos conhecimentos. A educação em geral, que tem sido oferecida à maioria da população é uma silenciosa injustiça. “Silenciosa porque o livro que não é lido, o teatro que não é visto, a música que não é ouvida, a pintura que não é apreciada, a dança que não é sentida não

aparecem como ausência.” (SERRA, 2003, p. 75)

Interagiram com esses três trabalhos expostos, neste artigo, cinco escolas da rede pública de ensino. Uma avaliação de estudantes da língua espanhola, em uma instituição escolar de idiomas foi feita através dos *fotologs*, com os depoimentos em espanhol, que podem ser visitados no endereço acima. A computação não é mais domínio dos militares, do governo e dos negócios. “Mas está sendo canalizada diretamente para as mãos de indivíduos bastante criativos em todos os níveis da sociedade, tornando-se um meio de expressão artística tanto em seu emprego quanto em seu desenvolvimento. (NEGRO-PONTE, 2000, p. 82)

Os jovens daqui para frente precisam desenvolver uma dupla cidadania: aprender a conceber e movimentarem-se como cidadãos da terra, sem deixar de pertencer a comunidades mais restritas, tendo consciência das múltiplas interdependências entre o local e o global. Os professores poderão ser artesãos de uma pedagogia construtivista e fiadores dos sentidos do saber. (PERRENOUD, 2005, p. 136) Comprovou-se que para transplantar para a linguagem dos *fotologs* a riqueza dos detalhes, ainda é uma tarefa de muitos, pois o espaço restrito aos internautas é minúsculo. Os antigos também deixaram seus escritos e desenhos no silêncio das cavernas e demoraram a ser decifrados, mas eternizaram-se nos estudos dos curiosos. A interação com a tecnologia tem transformado os próprios indivíduos produzindo novos sujeitos com diferentes habilidades, inclusive capazes de elucidar, em tempo real, diferenciados acontecimentos.

Internet é sociedade, pois expressa os processos, os interesses, os valores e instituições sociais. Surgem, nesta nova organização em rede, a inteligência coletiva com novas formas de relação com as comunidades. A internet não é apenas tecnologia, mas um meio de comunicação que pode organizar nossas vidas, retirar o homem da solidão,

da limitação educacional, como foram as fábricas ou as grandes corporações na era industrial. É um novo paradigma que expressa, inclusive a base material de nossas vidas e as nossas novas formas de relação comunicacional e de trabalho.

Os álbuns virtuais podem ser um ponto de partida para dar um salto qualitativo e desenvolver o senso crítico, com a visualização das memórias dos povos, quando as palavras orais ou escritas sozinhas não conseguem descrever. A UNESCO, inclusive tem colaborado e dado especial atenção e sugestões relativas aos novos meios de comunicação para o fortalecimento educativo. A meta deveria ser: preparar o ator social, não para responder perguntas, mas para interrogar-se sobre como compreender e transformar o mundo. Os museus virtuais, internalizados nos *fotologs*, podem também ser um gatilho para chegar ao alvo do compromisso com a pesquisa solidária: não apenas se apoiar na internet para adquirir conheci-

mentos, mas expor e preservar inventários pessoais ou coletivos pertinentes à memória local, nacional ou internacional.

O acesso ao conhecimento, a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer a espécie humana são os desafios da globalidade. Edgar Morin reflete que “para pensar localizadamente, é preciso pensar globalmente, como para pensar globalmente é preciso pensar localizadamente.” (2001, p. 25) Uma modificação local repercute sobre o todo e vice-versa. A importância de contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo na educação. A aprendizagem não se faz apenas na escola, ao contrário, ela se faz em toda escala do indivíduo. Se a humanidade unir suas capacidades de percepção e de criação formará a inteligência coletiva interconectada para a concórdia e manutenção da paz com espaço de comunicação inclusivo e de democracia nas redes.

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DP&P, 2003. 316 p.

ALBRECHT, Karl. Dez minutos da internet. São Paulo: Publifolha, 2001. 187 p. (E-business e tecnologia).

BOSGOV, Isabela. A era das celebridades. Revista Veja, p. 112, 12 jan. 2000.

CASTELLS, Manuel de. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis. Por uma outra comunicação. São Paulo: Record; 2003. p. 255.

CERTEAU, de Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAGAS, Mário. O pai de Macunaíma e o patrimônio espiritual. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DP&P, 2003. p. 104.

_____. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DP&P, 2003.

- COSTA, Rogério. A cultura digital. São Paulo: Publifolha, 2003.
- DÁVILA, Marcos. Cozinhe na moda. Folha de São Paulo, 26 maio 2005.
- DIZARD JR., Wilson. A nova mídia. Trad. Antônio Queiroga e Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 324 p.
- DRUCKER, Peter. Sociedade pós-capitalista. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 2002. 186 p.
- _____. O melhor de Peter Drucker. Trad. Edite Sciulli. São Paulo: AMPUB, 2002. 188 p.
- INFANTE, Isabel. Educação e capacitação permanente. In: RIBEIRO, Vera Massagão. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003. p. 116.
- JOHNSON, Steven. Cultura da interface. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 189 p.
- JOYANES, Luis. Cibersociedade. Los retos sociales ante un nuevo mundo digital. Madri: ISBN, 1997.
- LÉVY, Pierre. Pela ciberdemocracia. In: CARVALHO, Denis de. Por uma outra globalização. São Paulo: Record, 2003.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 129 p.
- NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 219 p.
- NOVAES, Adauto. Muito além do espetáculo. São Paulo: SENAC, 2004. 302 p.
- OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DP&P, 2003. p. 78.
- _____. Tesouros humanos. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. Memória e patrimônio. Rio de Janeiro: DP&P, 2003.
- PERRENOUD, Philippe. Escola e cidadania. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- RODRIGUES, Hervé Salgado. Campos na taba dos goytacazes. Niterói: Biblioteca de Estudos Fluminenses, Imprensa Oficial, 1988. 340 p.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. Imagem. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SERRA, Elizabeth D'Angelo. Políticas de promoção da leitura. In: RIBEIRO, Vera Massagão. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. A corrida do século. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA, Horácio. Ciclo áureo: história do 1º centenário 1835-1935. 2. ed. Campos, RJ: Damadá, Artes Gráficas da Escola de Aprendizes Artífices, 1935.
- WOLTON, Dominique. Internet, e depois? Porto Alegre: Sulina, 2003.